

**O TEMPO COMO
MARCA DE
SENTIMENTOS
VIVENCIADOS
E O PROCESSO
DE ENSINO
APRENDIZADO
EM TEMPOS DE
PANDEMIA**
*TIME AS A MARK
OF EXPERIENCED
FEELINGS AND
THE TEACHING
LEARNING
PROCESS IN
PANDEMIC TIMES*

Nasione Rodrigues Silva¹

¹ Nasione Rodrigues Silva. Professora de Língua Portuguesa. Mestre em Estudos Literários – PPGEL-Unemat- Tangará da Serra-MT. E-mail: nasioners@hotmail.com

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo refletir sobre o momento de distanciamento pelo qual o Brasil e o mundo se encontram, isto se dará através da crônica “Medida de Tempo” (1966) de Rachel de Queiroz. Trabalho este que também foi desenvolvido com alunos em sala de aula, visando melhor aproveitamento do processo de ensino aprendizagem, sem, contudo, deixar de seguir a proposta das diretrizes referentes as habilidades e competências as quais cada estudante deveria praticar como forma de demonstrar resultados do que fora desenvolvido na prática pedagógica, isto se deu com alunos do ensino médio, na Escola Estadual Professor João Batista em Tangará da Serra - MT, sobre a leitura de obras literárias, a escrita verbal e não verbal, produção de vídeos, Histórias em Quadrinhos fazendo uso da tecnologia conforme orientação da BNCC (2017), mecanismo este do qual se fez uso em tempo de Pandemia com aulas on-line, visando transformar o aluno em uma pessoa crítica frente aos desafios do cotidiano, utilizou-se também de teóricos como CANDIDO (2003) e GUARNIERI (2000) para maior entendimento crítico deste trabalho. Percebe-se oportuna esta reflexão tendo em vista o que se diz respeito aos sentimentos vividos pela sociedade em meio as decisões a serem tomadas e principalmente adotadas como forma de evitar o contágio e, isto somente o tempo é quem poderá conduzir cada indivíduo na tomada de decisão, por outro lado têm as relações políticas nas interfaces da busca de soluções científicas como forma de tentar solucionar o que está imposto por este momento vivenciado. No primeiro momento farar-se-á uma breve análise da crônica de Rachel de Queiroz, no segundo momento apresentar-se-á a metodologia da prática pedagógica, bem como do resultado obtido desta ação com os estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: Crônica. Rachel de Queiroz. Sentimentos. Tempo. Ensino aprendizagem.

ABSTRACT: This work aims to reflect on the moment of distance Brazil and the world are facing, this will happen through the chronicle Measure of Time (1966) by Rachel de Queiroz. This work was also developed with students in the classroom, aiming at making better use of the teaching-learning process, without, however, failing to follow the proposal of guidelines regarding the skills and competences that each student should practice as a way of demonstrating results of the that had been developed in pedagogical practice, this happened with high school students, at the Professor João Batista State School in Tangará da Serra - MT, on reading literary works, verbal and non-verbal writing, video production, Comics making use of technology as directed by the BNCC (2017), a mechanism which was used in times of a Pandemic

with online classes, aiming to transform the student into a critical person in the face of everyday challenges, it also used theorists such as CANDIDO (2003) and GUARNIERI (2000) for a better critical understanding of this work. This reflection is opportune in view of the feelings experienced by society in the midst of decisions to be taken and mainly adopted as a way to avoid contagion, and this is only time that can lead each individual in making decisions. decision, on the other hand, there are political relations in the interfaces of the search for scientific solutions as a way of trying to solve what is imposed by this experienced moment. In the first moment, a brief analysis of Rachel de Queiroz's chronicle will be made, in the second moment, the methodology of the pedagogical practice will be presented, as well as the result obtained from this action with the students.

KEYWORDS: Chronic. Rachel de Queiroz. Feelings. Time. Teaching yearling

Falar de Rachel de Queiroz como cronista é assegurar o que a própria dizia em suas entrevistas uma escritora crítica e espontânea, como podemos perceber nessa fala em resposta a entrevista dada à Revista Veja “Se for levar essa vida a sério, é bastante chata. Mas vivo nela toda satisfeita. Não vou a conferências nem a festas literárias. Gosto mesmo é de cozinhar e de assistir a futebol e boxe.”

A escritora é uma das mais consideradas no cenário brasileiro do século XX. Produziu sete romances, os quais foram bem vistos pela crítica literária, traduziu inúmeros autores clássicos, escreveu peças de teatro, livros infantis e de memórias. Também teve obra com adaptações para o cinema e a televisão. Rachel foi a primeira mulher a entrar para a Academia Brasileira de Letras.

Começou sua carreira como jornalista, com ainda 17 anos, colaborando com o jornal *O Ceará*, publicando seu primeiro texto literário, um romance em folhetim *Histórias de um nome*. A

autora colaborou para diversos jornais e periódicos como *Diário de Notícias*, *O Jornal*, *Última Hora*, *Jornal do Comércio*, *O Estado de São Paulo* e a revista *Cruzeiro*.

Como atuante do jornalismo Rachel costumava dizer:

Trabalhei na reportagem e na redação de *O Ceará* e do jornal *O Povo*. Depois vim para o Rio, em 1939, e melhorei minha categoria, escrevendo em casa. Eu tinha me casado e não era comum mulher casada trabalhar em redação à noite. Então passei a escrever meus artigos e crônicas em casa. Mas quando era jovem, achava muito bom ser repórter. Infelizmente, durou pouco. (HOLLANDA, 2011, p.8, prefácio)

Com sua atividade na imprensa, a autora concentrou a sua colaboração produzindo crônicas, nestas ela coloca em cena sobre o caráter em questão entre os teóricos da literatura que é o caráter literário ou não da crônica, tendo em vista que este gênero por muito tempo foi considerado como sendo menor, por isso distante do cânone literário.

Desta forma, Rachel, por meio de suas crônicas denuncia e chama a atenção para o espaço experimental. Elas são constituídas de perfis extraordinários com tipos precisos e traços regionais presentes em suas lembranças originadas no sertão, as reflexões sobre o amor, o tempo, e a morte; a história, a ecologia, o folclore, sendo que em todas a autora dialoga com o leitor de forma harmoniosa.

Quando falamos que as crônicas de Rachel de Queiroz dialogam de forma harmoniosa com o leitor, podemos fazer inferências o que argumenta Antonio Candido (2003) em seu artigo *A vida ao ré-do-chão*,

[...] Por meios dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural (CANDIDO. 2003. p. 1).

Nesse sentido, a crônica se aproxima do leitor, pois a mesma não lança mão da “grandiloquência”, mas sim, por intermédio da brevidade do texto, com linguagem simples sobre os acontecimentos do cotidiano, favorece a percepção da visão humanizadora. Para “Candido (2003, p. 89-99), a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas” o que gera no ser humano o sentimento de transformação e ensina a “conviver com a palavra” e adquirir forças com seus próprios valores.

Diante disto, que propomos o presente trabalho que tem por objetivo refletir sobre o momento de distanciamento pelo qual o Brasil e o mundo se encontram, trabalho este que também foi desenvolvido com alunos em sala de aula, visando melhor aproveitamento do processo de ensino aprendizagem, sem, contudo, deixar de seguir a proposta das diretrizes referentes as habilidades e competências as quais cada estudante deveria praticar como forma de demonstrar resultados do que fora desenvolvido na prática pedagógica, isto se deu com alunos do ensino médio, na Escola Estadual Professor João Batista em Tangará da Serra - MT, sobre a leitura de obras literárias, a escrita verbal e não verbal, produção de vídeos, Histórias em Quadrinhos fazendo uso da tecnologia conforme orientação da BNCC, mecanismo este do qual se fez uso em tempo de Pandemia com aulas on-line, visando transformar o aluno em uma pessoa

crítica frente aos desafios do cotidiano. isto se deu tendo como ponto de partida para os estudos a crônica “Medida de Tempo” (1966), de Rachel de Queiroz, entre outros textos.

Pensar o tempo como medida da própria existência, nos remete a refletir a partir do título da crônica “Medida de Tempo” (1966), quem mede, mede algo, neste caso o tempo, mas não um tempo qualquer, veja que a palavra inicia com “T” maiúsculo, simbolicamente tem todo um significado a ser pensado, seria ele o Tempo universal, que a todos rege? Para a nossa reflexão faz sentido o “T” maiúsculo, pois assim sendo este Tempo se coloca acima do indivíduo como sendo o regente ativo dos questionamentos existências do Ser. Notamos também que entre um termo e outro há uma preposição “de” como sendo essencial no sentido de restringir este momento, de forçar o indivíduo a parar e refletir suas práticas individuais e coletivas que para tanto está envolvida não somente a duração cronológica, mas principalmente expansão da duração psicológica, esta por sua vez é bem mais complexa de ser aceita e ou compreendida na existência do próprio ser.

Estas reflexões estão nítidas na narrativa em a “Medida de Tempo” (1966), o narrador em primeira pessoa se nega a aceitar as divisões do tempo, para ele não temos o domínio, nem como segurá-lo. “O tempo é quem manda na gente, não somos nós que mandamos nele. Então, por que fingir controlá-lo, contá-lo?” (QUEIROZ, 1966, p.99). Diante destes questionamentos notamos o narrador que anuncia a partir de seu conhecimento, tem posicionamento e sabe o que quer, nisto consiste a não aceitação da mudança, à medida em que o tempo passa, o conformismo tende a aumentar. Nesse interim, o narrador mesmo distante,

traz para perto de si o leitor, pois este, passa a creditar também, que de nada adiantará lutar contra o que está imposto. Por outro lado, o leitor precisa estar atento para não se deixar influenciar, tendo em vista que no cotidiano da vida há transformações e nestas estão as marcas do tempo.

Podemos entender a compressão do tempo como uma consequência da relação do homem com a natureza, o controle lógico do tempo possibilitou ao homem criar a agricultura, a domesticar os animais, conhecer os rios, os degelos, os momentos de trabalhar e os de salvar suas vidas, o controle da natureza possibilitou o homem cada vez mais um controle sobre o seu saber no mundo a ponto de chegarmos a conhecimentos muito elaborados cientificamente. É fundamental entendermos que o tempo é uma matéria em transformação, a percepção do tempo decorre da forma como o homem se relaciona com a natureza. Nesse sentido, a relação do homem com a natureza é mediada pelo trabalho. O tempo em que o homem caçava e pescava, até o tempo em que o homem virou um trabalhador assalariado que chega a trabalhar doze, quatorze horas por dia se transformou, mesmo que a consciência sobre ele não a acompanhe, como enuncia o narrador.

Rachel escreveu a crônica “Medida de Tempo” em 1966, quando a realidade começa a se apresentar como uma fissura na racionalidade moderna, e as ideologias começam a apresentar uma realidade “pós-moderna” em que o tempo passa a ser relativizado, fracionado, assim como o trabalho. As desilusões quanto a uma construção de uma sociedade governada pelo conhecimento humano, pelo controle sobre as distopias do capitalismo, foram minadas por uma ampla e profunda ideologia do fracionamento da

realidade, a da pós-modernidade e do relativismo, a ampla negação de uma explicação global e sistêmica para um aprofundamento do individualismo, elementos do pensar fracionado se tornaram dominantes e hoje trazem resultados perversos como a exploração da mão de obra, sendo o ser humano tratado como uma máquina, como se não tivesse sentimentos a serem respeitados.

O texto de Rachel demonstra esta forma de pensar relativa e fracionada afinal o que governa o tempo? A subjetividade humana ou a forma como o homem organiza o trabalho e a própria vida? Essa expressão pós-moderna escamoteia uma razão que no presente se tornou uma arma contra o saber humano, exemplos bem convincentes foram dados na pandemia, afinal muitas “verdades” contraditórias e desconexas se tornaram políticas públicas, verdades “científicas” e espalharam medo e mortes pelo mundo. O tempo mudou, pois o controle digital do trabalho expandiu as jornadas de trabalho, acelerou nossa auto cobrança e o tempo está sendo ressignificado indiferentemente a percepção subjetiva do indivíduo, muito embora tenhamos que reconhecer as peculiaridades com que cada qual sente o tempo, ainda assim as mudanças na ordem deste são sociais e atribuídas mais ou menos a todos trabalhadores.

Os limites da Rachel se encaixam também nas suas mudanças políticas, ela optou em se adequar a ditadura militar e abandonar uma apreensão social do seu tempo, o caminho se reduziu a percepção individualizada do todo, com o abandono quase completo do que é social. A ciências pós-modernas se tornaram um limbo que só floresce na efemeridade de verdades imediatas, ou como complemento da autoajuda que abandonou por completo a compressão do ser no mundo. Por estes motivos

o texto da Rachel é um elemento que não explica, mas se torna matéria do tempo pós-moderno, da disjunção do eu e do nós, da incompreensão do social. Necessidades vitais que precisamos aprender em períodos de dificuldades como este em que estamos vivendo. São momentos de incertezas que dependem da ação do sujeito.

Na natureza não há nada matematicamente orçado, não há dia certo de chover nem dia de fazer sol. Tudo que se vive (e é por isso talvez que divide as coisas vivas das sem vida) é arbitrário. Tudo que vive é anárquico, impetuoso profundamente individualista. (QUEIROZ, 1966, p.99).

Nesse sentido, o narrador justifica a natureza humana para o conformismo diante do que se vive, aceitando ou não as imposições sociais. No entanto, suscita no leitor os aspectos diacrônicos e sincrônicos a partir de suas experiências com o cotidiano, ao mesmo tempo que rompe com o seu horizonte de expectativa o que possibilita uma nova visão da realidade, seja social ou psicológica. Nesse rompimento no horizonte de expectativa o leitor é capaz de perceber valores profundamente subjetivos que permeiam os sentimentos de não valorização do ser, pois tudo é relativizado e, isto individualiza o sujeito, impedindo-o de pensar coletivamente.

Desta forma, percebemos na leitura da crônica a capacidade do narrador de encontrar e ou demonstrar a realidade vivida no cotidiano, por meio dos questionamentos e porque não dizer dos conflitos existenciais. Nesse aspecto, denotamos a criticidade da autora Rachel de Queiroz, diante do que está posto e, ao mesmo tempo a autenticidade e compromisso com o fazer literário, que

conforme (CANDIDO, 1992 p.14):

Ora, a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, - sobretudo porque quase sempre utiliza o humor (CANDIDO, 1992, p. 14).

Não se pode negar a existência e a importância da crônica, bem como o seu papel na dimensão dos fatos, sejam eles históricos, sociais ou psicológicos, nela está a grandeza da realidade do momento vivido, por isso a valorização dela na formação da identidade cultural do sujeito, pois ela dialoga e interage com a individualidade do leitor, porquanto a significação, as marcas do Tempo na vida impõem a ressignificação de valores.

E dentro desse tolo esquema a gente tem que se entusiasmar e sorrir e sofrer a prazo fixo. Tem o dia de amar a pátria, e tem o dia de chorar os mortos. É mister soltar foguetes no primeiro dia do ano, dançar o carnaval, arrepende-se em Cinzas, acompanhar o Senhor Morto na semana da Paixão, [...]. (RACHEL, 1966, p.99).

Pela ressignificação de valores, notamos o inconformismo instaurado, o narrador a contra gosto ressalta o que tem de aceitar para continuar a sua vida. O que está imposto não é algo aleatório, mas sim fatos históricos, valores e costumes sociais que permeiam a sociedade e, que para ele custa caro sobreviver em meio a esse “tolo esquema”. Nesse sentido, destacamos (NEVES, 1965, p. 22):

[...], distinguindo o tempo interior – pessoal e vivencial – do tempo histórico, aquele em que mais alargadamente vive. Para o historiador, ainda que de forma diferente, o tempo é, sem dúvida, matéria-prima essencial. [...]. (NEVES, 1995, p. 22).

A crônica, embora tenha de prender-se ao cotidiano, não ignora o passado e o prognóstico do futuro, são manifestações inerentes à vida social. Sendo assim, o ponto de vista histórico se manifesta como elemento essencial à medida que encontramos o equilíbrio tanto individual quanto coletivo. Contudo por se tratar de um texto literário, a literatura por produzir um material reflexivo, ela não se esgota em uma totalidade, mas sim, ressalta e colabora para a compreensão de novas condições do ser, no cenário comunicativo:

E pois cada um deveria ter direito de contar o tempo segundo os impulsos do seu coração se a gente vai vivendo um tempo de expectativa e marasmo, ou mesmo de experiências, para que mudar de ano? Continuava sempre no mesmo ano? (RACHEL, 1966, p.100).

Essa intencionalidade do narrador, reflete no mais íntimo do Ser, em sua inquietação diante do que se está vivendo, para este tudo deveria ficar como está. Notamos a perplexidade crítica de Rachel de Queiroz. Isto só foi possível, por ela ser uma astuta observadora da sociedade, soube por meio de seu narrador explicitar os sentimentos intrínsecos e conflituosos presentes em cada ser.

Seguindo esta reflexão e com base nas orientações das diretrizes propostas ao processo de ensino aprendizagem, pensamos uma educação ainda mais humanizada, tendo o

aluno com o ser mais importante em meio a tudo o que estava acontecendo diante da pandemia causada pela Covid-19. Não temos como negar que foi um momento conflituoso de medo e incertezas. Mas que não podíamos nos desesperar, desta forma todas as metodologias pedagógicas tiveram de ser repensadas para a prática de aulas on-line. Eis, a resignificação desse fazer pedagógico, como elaborar aulas, sem que nenhum aluno ficasse fora do processo de ensino aprendizagem, tendo em vista que nem todos os estudantes tinham o acesso à tecnologia adequada para tanto. Neste contexto, procuramos desenvolver o planejamento para que todos tivessem alcance ao material a ser estudado como criação de apostilas impressas e on-line com o intuito de um melhor aproveitamento para o aluno.

Para melhor desenvolvermos as atividades, referenciamos os planejamentos com o amparo da BNCC (2017, p.75) que assim infere:

(EM13LP15) Elaborar roteiros para a produção de vídeos variados (vlog, videoclipe, videominuto, documentário etc.), apresentações teatrais, narrativas multimídia e transmídia, podcasts, playlists comentadas etc., para ampliar as possibilidades de produção de sentidos e engajar-se em práticas autorais e coletivas. (BNCC, 2017, p.75)

(EM13LP16) Utilizar softwares de edição de textos, fotos, vídeos e áudio, além de ferramentas e ambientes colaborativos para criar textos e produções multissemióticas com finalidades diversas, explorando os recursos e efeitos disponíveis e apropriando-se de práticas colaborativas de escrita, de construção coletiva do conhecimento e de desenvolvimento de projetos. (BNCC, 2017, p.75)

Pensar a prática pedagógica voltada para o alcance de

competência por parte do aluno com o desenvolvimento destas habilidades, nos “facilitou” o trabalho nas salas de aula on-line, que se deram via *MEET*, *whatsapp*, *e-mail*, ligação telefônica, material impresso e uso de outros aplicativos como *Benime*, *Pixton* entre outros recursos que viessem a favorecer o melhor acesso para o estudante. Assim foi possível fazer com que os estudantes, mesmos os que não tinham acesso à tecnologia pudessem adquirir o conhecimento com menos sofrimento. Com esse pensamento percebemos em “Guarnieri (2000, p. 9), que [...]. Uma parte da aprendizagem da profissão docente só ocorre e só se inicia em exercício. Em outras palavras, o exercício da profissão é condição para consolidar o processo de tornar-se professor.” Com esta inferência podemos afirmar que enquanto professora, foi um momento de afirmação da condição de ser uma profissional, por acreditar que o olhar para o aluno deveria sim, ser ainda mais humanizado para que este pudesse perceber a transformação necessária da qual ele estava inserido e que os resultados do ensino-aprendizado fossem favoráveis de acordo com o que se estava propondo. Nesse contexto, reforçamos a importância da reflexão da crônica “Medida de Tempo” (1966), de Rachel de Queiroz, pois diante do evento da pandemia causado pela COVID-19, foi visível o transtorno gerado em cada Ser, devido ao medo, a incerteza do que viria a acontecer, o sentimento às vezes de incapacidade, não somente por parte do aluno, mas também com o professor que teria de mediar as aulas à distância, isto só foi possível graças ao olhar transformador, cheio de motivação e confiança de que chegaríamos a um resultado favorável, mesmo diante dos desafios enfrentados.

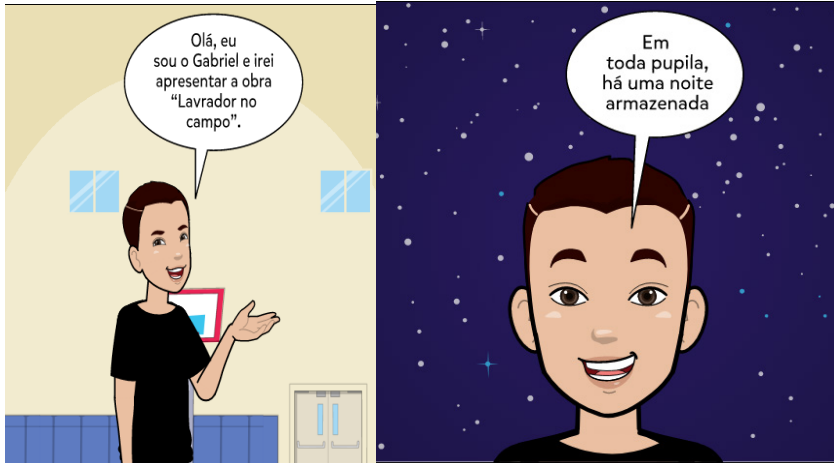
Em busca de uma melhor compreensão por parte dos

alunos, os planos de aulas foram desenvolvidos de forma a contemplar as diversas formas de apresentação como sendo leituras de crônicas, contos, romances e poesias de vários autores; após a leitura, o ponto de vista de cada aluno era apresentado, as dúvidas eram sanadas com o auxílio da professora, e como apresentação final das leituras os alunos teriam de encaminhar as atividades com relatos por meios de áudios, vídeos, história em quadrinho, releitura da obra em forma de linguagem não verbal, bem como o texto na linguagem verbal. Tudo isto respeitando o texto da BNCC (2017, p.68) conforme orientação:

A ampliação de repertório, considerando a diversidade cultural, de maneira a abranger produções e formas de expressão diversas – literatura juvenil, literatura periférico-marginal, o culto, o clássico, o popular, cultura de massa, cultura das mídias, culturas juvenis etc. – e em suas múltiplas repercussões e possibilidades de apreciação, em processos que envolvem adaptações, remediações, estilizações, paródias, HQs, minisséries, filmes, videominutos, games etc.; (BNCC, 2017, p.68)

É claro que escrevendo aqui parece ter sido fácil transpor todo esse processo de conhecimento para com os alunos, não, não foi. O momento vivido nos fez repensar todo um processo didático-pedagógico-metodológico do qual jamais imaginado. Por outro lado, pudemos perceber o quanto a interação, mesmo com distanciamento social se concretizou, pois houve comunicação humana e esta, se personificou também por meio de leituras das obras literárias que ampliou o conhecimento de forma crítica, aguçando o gosto pela leitura e desenvolvimento das atividades propostas, conforme o que se pedia em cada momento das práticas

pedagógicas como podemos observar a seguir, nas imagens e em uma poesia produzida como resultados de algumas das atividades desenvolvidas e apresentadas pelos alunos:



(Fragmento de uma HQ produzida por um aluno sobre a leitura do Texto “Lavrador no Campo”. In: *O passo do instante*, de PERSONA. Lucinda Nogueira. Cuiabá-MT: Entrelinhas. 2019, p.50).

	<p><u>O Quinze</u> I made this comic with Pixton, a comic-making app that makes writing fun and easy for students. https://www.pixton.com/share.pixton.com</p>
--	--

(Trabalho realizado por um aluno utilizando o aplicativo *share.pixton*)



(Releitura desenvolvida por uma aluna da poesia “Rainha de Sabá”. In: *Sertão é a poesia bruta*, de Irene Severina Rezende. 1ª ed. Tangará da Serra-MT. 2021, p. 13)

Eterno mato-grossense

Na imensidão do horizonte;
A beleza é exímia;
Um abraço mui fraterno;
Como de pai e filha.

Terra fértil, terra rica;
Sua selva indomável;
Dos animais a guarida;
Natureza inigualável.

Desde o Norte até o Sul;
Não há beleza como tal;
As cores do tuiuiu;
Que dão vida ao Pantanal.

Sua gente é mui bela;
Mui simples, mui gentil;
Gente que cedo desperta;

Move o agro do Brasil.

De manhã, logo cedinho;
O peão guia a boiada;
Sob o som do seu berrante;
E o esturro da pintada.

Dentre grutas, quedas d'água;
Águas profundas, águas rasas;
A natureza sempre esboça;
A beleza do Araguaia.

O rasante do Tucano;
O sertanejo reconhece;
O brilho do sol na soja;
Seus olhos enaltecem.

O jaú é um espetáculo;
Da comida saborosa;
Galinhada e Furrundum;
Ao som de uma boa prosa.

Numa mão leva a viola;
Na outra, o tereré;
Na cabeça o chapéu de palha;
Nos braços, a mais bela mulher.

Não há nesse mundo afora;
Beleza que a mim compense;
Pois sou eterno peão;
Eterno mato-grossense.
(Carlos Gustavo. Aluno do 3º ano. Médio)

Portanto fez-se oportuna esta reflexão a partir da crônica “Medida de Tempo” (1966), de Rachel de Queiroz, com o momento em que vivenciamos, como sendo incertos e que para bem vivermos foi necessário a aceitação do que estava imposto como forma de nos desvencilharmos de uma catástrofe maior, a qual causada pela COVID 19.

Foi um tempo em que precisou a nossa vigilância constante nas práticas pedagógicas no processo de ensino-aprendizagem, deixando o egocentrismo abaixo dos subterrâneos, mas sem

perder o foco nas questões sociais e políticas, de forma a pensar o aluno como sendo um sujeito do meio e que precisaria tornar-se crítico diante das adversidades, pois isto são princípios básicos para o bom desempenho da sociedade como um todo.

Como fora dito neste relato de experiência, não foi fácil desenvolvermos o nosso trabalho, mas mesmo diante de todas as dificuldades com as quais nos deparamos, pela falta de condições básicas para o uso da tecnologia, tendo em vista que nem todos os alunos tinham acesso a este.

Mesmo assim, podemos dizer que o resultado do processo de ensino-aprendizagem foi satisfatório, pois a aulas foram planejadas de forma que os estudantes apresentassem suas atividades de acordo com as suas condições de produção, ou seja, pequenos vídeos, em áudio, releituras de obras, história em quadrinho, texto na linguagem verbal, o importante naquele momento seria que todos conseguissem devolver as atividades propostas com resultado significativo.

Assim se fez de forma humanizada, pensando o aluno como ser humano capaz de desenvolver-se, transformar-se e, modificar o mundo ao seu redor para melhor.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: *Para Gostar de Ler: crônicas*. Vol. 5. São Paulo: Ática, 2003. p. 89-99.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Seleção e Prefácio: Coleção melhores crônicas. São Paulo: Global, 2011.

GUARNIERI, Maria Regina. (Org.) *Aprendendo a ensinar*. O caminho nada suave da docência. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2000.

<https://veja.abril.com.br/blog/meus-livros/arquivo-entrevista-com-a-centenaria-rachel-de-queiroz/> 08/10/2020.

http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf acesso em: 06/02/2023.

MEYER, Marlyse. “Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se faz a crônica”. In: CANDIDO, Antonio. et. al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992. p. 93-133.

NEVES, Margarida de Souza. História da crônica. Crônica da história. In: RESENDE, Beatriz (Org.). *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995. p. 17-31.

QUEIROZ, Rachel de. SELETA: *Textos Básicos dos escritores mais representativos da Moderna Literatura Brasileira*. Coleção Brasil Moço. Ed. José Olympio. 1966. p.99 - 101.

Recebimento: 29/09/2022

Aceite: 15/02/2023